



Encontros Bibli: revista eletrônica de
biblioteconomia e ciência da informação

E-ISSN: 1518-2924

bibli@ced.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Castro de Figueiredo, Marco Aurélio; Rocha Souza, Renato

Aspectos profissionais do bibliotecário

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, núm. 24, 2007, pp. 10-
31

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14702403>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

[redalyc.org](http://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ASPECTOS PROFISSIONAIS DO BIBLIOTECÁRIO *PROFESSIONAL ASPECTS OF LIBRARIAN*

Marco Aurélio Castro de Figueiredo - marcoaureliocf@gmail.com

Bibliotecário - Centro Universitário UNA

Renato Rocha Souza - rsouza@eci.ufmg.br

Doutor em Ciência da Informação

Professor da Escola de Ciência da Informação – UFMG

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica seguida de um *survey*, que buscaram caracterizar a atuação do profissional bibliotecário no contexto social atual. Os resultados apontam para um mercado heterogêneo e em transformação, assim como para os grandes desafios a serem enfrentados pelos profissionais na sociedade atual.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Profissional bibliotecário. Mercado de trabalho.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa apresentar os resultados de pesquisa que almejou delinear o multifacetado campo de atuação dos profissionais bibliotecários no mercado de trabalho. Embora todo um panorama esteja sendo modificado, ainda é forte a imagética do bibliotecário como o profissional que atua somente em uma biblioteca tradicional. Contribui para essa visão o desconhecimento por parte dos profissionais e mesmo do mercado de trabalho. A literatura da área nos traz muitas informações acerca do perfil e formação do profissional bibliotecário que o mercado exige, bem como sobre as possibilidades de atuação. No entanto, pouco nos apresenta sobre a real empregabilidade do profissional, ou seja, onde e como ele está atuando.

Antes de apresentarmos e analisarmos dos dados levantados na pesquisa discorreremos brevemente sobre a história da Biblioteconomia e o papel que o bibliotecário assumiu com o passar do tempo e com as transformações que afetaram a sociedade, sejam elas de ordem social, política ou econômica. Essas transformações são relevantes para o profissional, pois afetam não só a sociedade, mas todas as áreas do conhecimento e, principalmente aquelas em que atuam os profissionais da informação. Como bem frisou BENTES PINTO (2005):

O campo da Biblioteconomia, mais do que qualquer outro, é atingido pelas mudanças que afetam a sociedade contemporânea. Estas mudanças estão relacionadas, principalmente, às grandes transformações que interferem significativamente na vida da sociedade atual, quais sejam: o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico, a globalização e as chamadas Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC).

2 BIBLIOTECONOMIA: UM BREVE HISTÓRICO

Historicamente, a gênese do papel de bibliotecário acompanha a criação, pela nobreza e pelo clero, das primeiras bibliotecas. Assim como na sociedade da época, onde apenas os homens eruditos ocupavam cargos de maior relevância, as funções biblioteconômicas eram exercidas apenas por estes, desde que fossem das letras ou eclesiásticos. Não existia ainda nenhuma teorização à qual eles eram submetidos para terem o direito de executarem as atividades, que se restringiam à função de conselheiros e ao auxílio aos usuários na recuperação da informação.

O ano de 1751 marca o aparecimento do termo bibliotecário, proposto por Diderot e D'Alembert, apresentado em um artigo da Enciclopédia, em que aparece conceituado como “aquele que é responsável pela guarda, preservação, organização e pelo crescimento dos livros de uma biblioteca. Ele pode ter também funções literárias que demandam talento.” (DIDEROT; D'ALEMBERT, 1993, p.212). Já no ano de 1873 a Escola de Chartes (França), criou e instituiu o primeiro curso de Biblioteconomia, cujo enfoque do currículo era pautado no humanismo. O graduado neste curso recebia um diploma conhecido como “Certificado de Aptidão às Funções de Bibliotecário (CAFB)” (BENTES PINTO, 2005). Em 1887, Melvil Dewey funda a School of Library Economy na Universidade de Columbia, onde o currículo do curso era contemplado por disciplinas de cunho técnico. Até então, como afirma KREMER (1983), “os bibliotecários aprendiam seu ofício trabalhando na sua biblioteca ou fazendo visitas de duas ou três semanas a alguma outra biblioteca, para estudar a melhor maneira de organizar a própria. Também podiam ler a literatura bibliotecária existente”.

A história científica da Biblioteconomia no Brasil começa com a Biblioteca Nacional (BN), que por meio de seu diretor, à época, Manuel Cícero Peregrino da Silva, funda o terceiro curso de Biblioteconomia do mundo. Este fato se deu no ano de 1911, com a aprovação do regulamento da Biblioteca Nacional - decreto nº 8.835, de 11 de julho de 1911 - que previa nos artigos 34 a 41 a instituição do curso, que só teve início em 1915.

A BN objetivava com o curso a formação de “bibliotecários para atuar na própria Biblioteca Nacional, a fim de situá-la em condições compatíveis com as européias (MUELLER, 1985). Como podemos observar, o objetivo era formar profissionais capazes de elevar a BN às condições das bibliotecas européias.

Estes cursos alavancaram o surgimento de outros pelo mundo, além de ampliar cada vez mais a importância da Biblioteconomia como ciência, de tal forma que já no início do século XX eram fundados os primeiros programas de pós-graduação, com destaque para o Doutorado em Biblioteconomia. Estes cursos incutiam uma forte “política de afirmação da cientificidade da atuação bibliotecária” (SOUZA, 2001). Além dos programas de pós-graduação surgiram os organismos de classe, como as associações, conselhos, corroborando ainda mais o respaldo à profissão. O pioneirismo francês novamente se faz presente. Em 1906 foi fundada a Associação de Bibliotecários Franceses (ABF). Alguns anos antes, mesmo antes da criação da School Library of Economy, foi fundada em 1876 nos Estados Unidos a American Library Association. Esta tinha o intuito de proporcionar aos bibliotecários associados de todo o mundo um local para a troca de idéias, a promoção da cooperação, a investigação e o desenvolvimento internacional em todos os campos e atividades da Biblioteconomia, não sendo um órgão classista.

No Brasil, foram criados a partir da década de 1930 a Associação Paulista de Bibliotecários (APB) e a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários. Em 1958 a profissão de bibliotecário foi regulamentada por meio da Portaria nº 162 e, em 1962 foi aprovada pela Lei nº 4084 a regulamentação do exercício das atividades profissionais. Neste mesmo ano foi estabelecido o currículo mínimo do curso pelo Conselho Federal de Educação por meio da Resolução nº 3261, e o Decreto nº 56725/1965, que regulamentou a Lei nº 4084/62, possibilitou a instalação dos conselhos regionais e federal de Biblioteconomia.

3 O PROFISSIONAL

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) de 2002 (BRASIL, 2002), o profissional bibliotecário pertence à família dos “profissionais da informação”, tendo o “Documentalista” e o “Analista de informações como ocupações assemelhadas

(FIGURA 1). Ainda segundo a CBO2002, o profissional da informação enquadra-se nas seguintes condições para o exercício de suas atividades:

Trabalham em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com predominância nas áreas de educação e pesquisa. Trabalham como assalariados, com carteira assinada ou como autônomos, de forma individual ou em equipe por projetos, com supervisão ocasional, em ambientes fechados e com rodízio de turnos. Podem executar suas funções tanto de forma presencial como a distância. Eventualmente, trabalham em posições desconfortáveis durante longos períodos e sob pressão, levando à situação de estresse. As condições de trabalho são heterogêneas, variando desde locais com pequeno acervo e sem recursos informacionais a locais que trabalham com tecnologia de ponta.

Para TEIXEIRA FILHO (citado por FARIA et al, 2005), o profissional da informação

...pode ser ainda o responsável pelo acervo de documentação da empresa, abrangendo textos, artigos, livros, periódicos, manuais, plantas, especificações técnicas, estruturando e mantendo a memória organizacional. Ou até mesmo o profissional de marketing, preocupado com a pesquisa, captação, seleção, qualificação, análise e comunicação das informações sobre o mercado, o desempenho da empresa e da concorrência. E também não se pode esquecer o profissional de recursos humanos, voltado para a formação e sustentação de comunidades de práticas dentro da empresa, cujo objetivo é o compartilhamento do conhecimento.

Como podemos observar, a definição de TEIXEIRA FILHO expande a atuação do profissional da informação, em que este passa a ser todo aquele que pesquise, recupere, selecione, e dissemine informações.

Para o exercício pleno destas atividades é exigida a formação de bacharel em Biblioteconomia e documentação e a formação é complementada com aprendizado tácito no local de trabalho e cursos de extensão, ainda de acordo com a CBO2002.

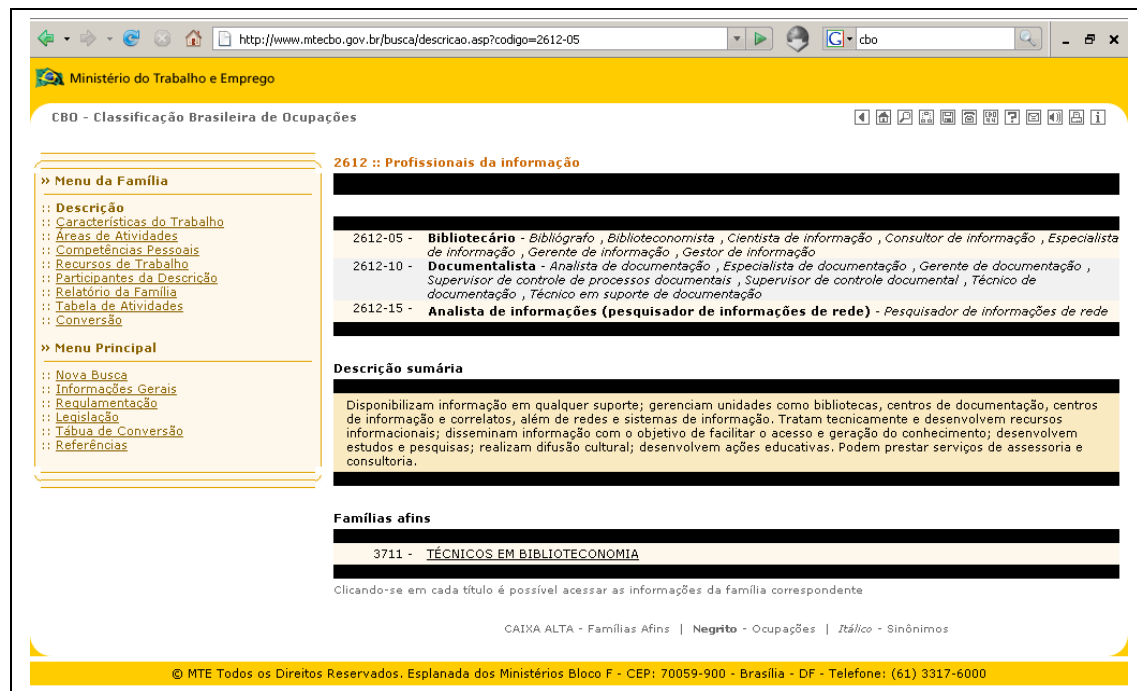


FIGURA 1: Profissional da informação e a CBO

Fonte: MTE. Ministério do Trabalho e Emprego.¹

4 PERFIL

No campo da Biblioteconomia, como em qualquer campo de atuação profissional, a conclusão de um curso superior não garante o ingresso do formado no mercado de trabalho. Num contexto globalizado e de saberes voláteis, o que se espera do profissional vai muito além do que é oferecido na educação formal, como salientou um dos respondentes da pesquisa ao afirmar que

...o profissional deve ter educação continuada. O banco acadêmico dá a formação do momento e o bom profissional tem que continuar estudando e se atualizando, pois os processos são os mesmos, o que mudou são as formas de execução com os novos suportes de armazenagem da informação. Os currículos acompanham determinada tendência da época.

Para FARIA et al (2005) o perfil demandado pelo mercado quanto ao profissional bibliotecário inclui “flexibilidade, inovação, horizontalidade, criatividade, agilidade, compartilhamento de informação, aprendizagem, gestão do conhecimento, planejamento participativo, *empowerment* e estratégia competitiva”. Já a CBO2002 indica como

¹ Disponível em: < <http://www.mtecbo.gov.br/informacao.asp#9>>. Acesso em: 15 de nov. 2006.

competências pessoais do profissional da informação, e conseqüentemente do bibliotecário: manter-se atualizado, liderar equipes, trabalhar em equipe e em rede, demonstrar capacidade de análise e síntese, conhecimento de outros idiomas, capacidade de comunicação, capacidade de negociação, agir com ética, demonstrar senso de organização, capacidade empreendedora, raciocínio lógico, capacidade de concentração, pró-atividade e criatividade.

Portanto, como vimos o bibliotecário não pode ficar preso e na dependência apenas do que é ministrado na academia. Ele precisa buscar novos conhecimentos e, acima de tudo, aguçar determinadas competências e habilidades inerentes à sua pessoa, como capacidade de liderança e criatividade, bem como afirmou outro respondente: “... (com) a educação continuada e através da dedicação pessoal.”

5 POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

A CBO2002 apresenta os profissionais da informação como aqueles que

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Para FERREIRA (2003) estes profissionais podem atuar como “arquivistas, documentalistas, gerentes de bases de dados, consultores de informação, profissionais da comunicação, analista de informação”.

De acordo com as definições dadas acima podemos concluir que o campo de atuação para o bibliotecário é amplo, podendo encontrar colocação tanto na esfera pública quanto na privada ou no terceiro setor (ONG's), atuando em quaisquer dos setores econômicos (agricultura, indústria ou serviços) ou ainda como autônomo. Isto ocorre porque o foco central da atuação deste profissional é o tratamento, organização e disseminação da informação, insumo este que se encontra em qualquer instituição e que vem ganhando cada vez maior importância e valor para a sobrevivência da mesma no mercado. Com a valorização da informação pelas instituições elas necessitam cada vez mais de profissionais aptos a tratá-la.

6 METODOLOGIA

Como apontado anteriormente, este artigo se propõe a delinear os campos de atuação do profissional bibliotecário. Para isso, foram levadas a cabo pesquisas de caráter qualitativo, quantitativo e exploratório, com o propósito de identificar a empregabilidade do profissional bibliotecário ante o mercado de trabalho. Foram mapeadas, dentre outras informações, a que se refere ao setor econômico que mais absorve o profissional, sua real ocupação e média salarial. Além disso, foram levantadas algumas informações que podem auxiliar no entendimento destas questões, como as dificuldades encontradas para a inserção no mercado e os conteúdos acadêmicos que tiveram mais relevância para a obtenção dessas colocações.

Para atingir estes objetivos lançou-se mão da utilização do questionário como ferramenta de pesquisa. O mesmo contou com questões de múltipla escolha e discursivas, de forma a garantir ao máximo a obtenção de informações fidedignas com a realidade. O questionário foi desenvolvido em uma ferramenta gratuita, o MakeSurvey² – sistema de gerenciamento de pesquisa on-line, de forma a facilitar a distribuição, aplicação, resposta e reenvio do questionário por parte do respondente. A divulgação ocorreu por meio de listas de discussão da área (ABECIN, ABC, APBE, Bib_Virtual, Bibamigos, Bibliotecários, Bibliovagas, CRB6, FEBAB, Ref_Digital) e da solicitação de divulgação do questionário junto aos associados de órgãos classistas, que não possuíam listas de discussão (ABMG, SINBIESP, SINDIB), e aos conselhos regionais e federal que se encontravam na mesma situação. Também utilizamos o site de relacionamentos Orkut³ para realizar a divulgação, por meio das comunidades voltadas para a área. A aplicação do questionário aconteceu durante três meses, com início no dia 16 de agosto de 2006 e término no dia 16 de novembro do mesmo ano.

Já para garantir a confiabilidade dos dados optamos por trabalhar com o erro amostral de 4% e nível de confiança de 96%. Estimando-se que existam 100.000 bibliotecários formados no Brasil até o início da pesquisa, seriam necessárias 621 respostas individuais para termos uma validação estatística. Obtivemos 698 respostas válidas, e os questionários dos respondentes que ainda não concluíram o curso foram descartados.

² Disponível em <http://www.makesurvey.net/>

³ <http://www.orkut.com/>

Este número ultrapassa o necessário para que seja atingido a confiabilidade mínima desejada.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma a facilitar a compreensão dos dados coletados dividimo-lo em três categorias, sendo a primeira relativa à localização geográfica da Instituição de Ensino Superior (IES) onde o respondente se graduou e do local de atuação, além do ano de conclusão do curso; a segunda refere-se aos dados profissionais; a terceira, e última, apresenta informações sobre o curso.

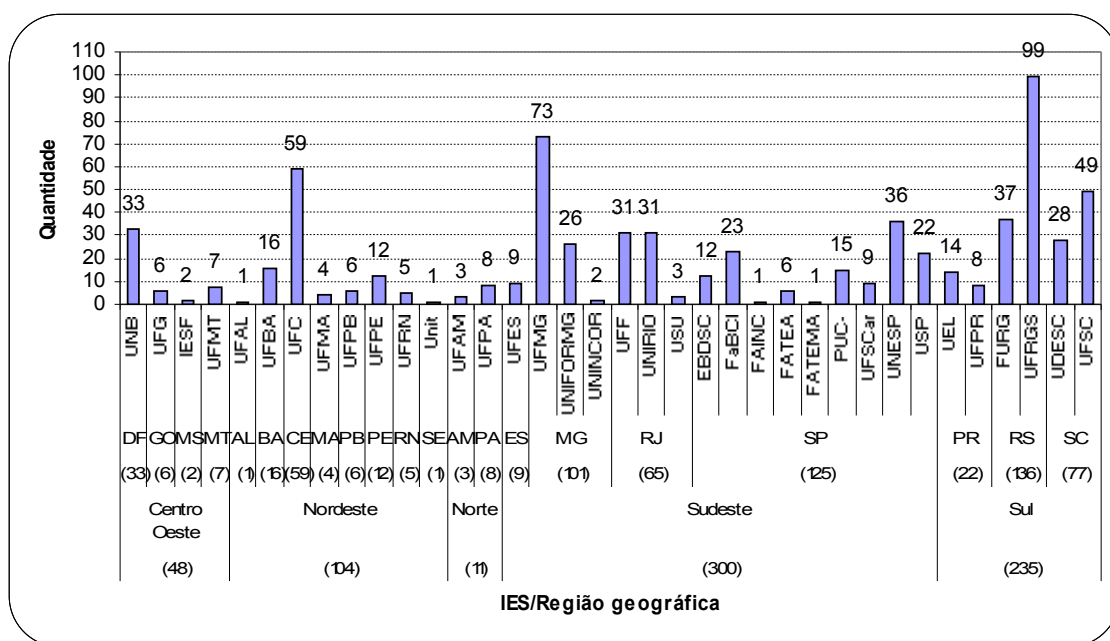


GRÁFICO 1 – Distribuição geográfica e institucional dos egressos.

Como podemos observar no GRÁFICO 1, a região brasileira que mais contribui para a formação de profissionais bibliotecários é a Sudeste (300), seguido pelo Sul (235), Nordeste (104), Centro Oeste (48) e Norte (11). As unidades federativas que mais formaram profissionais foram o Rio Grande do Sul (136), São Paulo (125) e Minas Gerais (101), sendo as IES mais representativas nesta pesquisa a UFRGS (99), UFMG (73) e UFC (59).

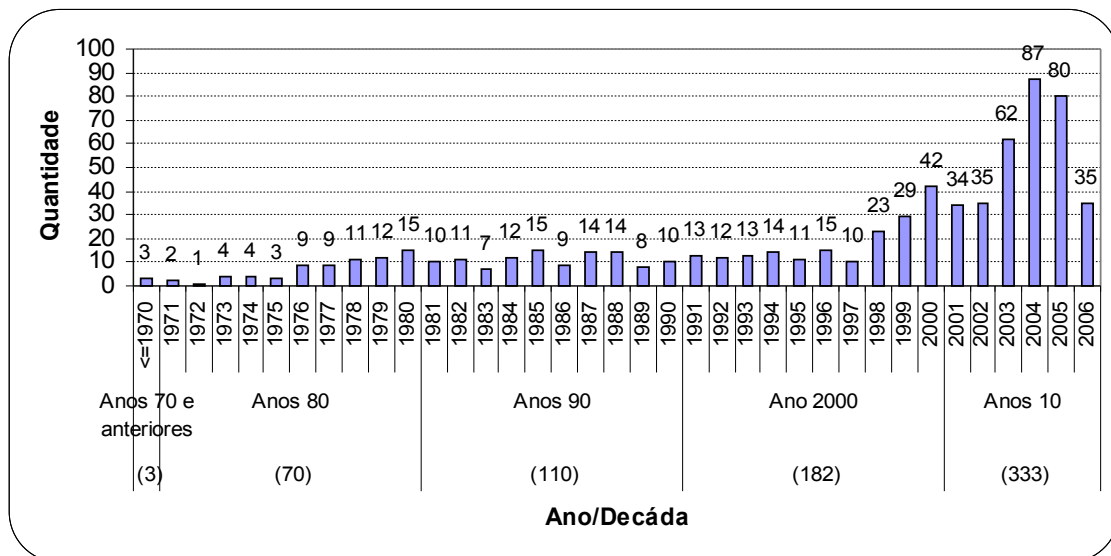


GRÁFICO 2 – Quantidade de formandos por ano.

Dentre os egressos respondentes, aproximadamente 47,71% (333) concluíram o curso nesta primeira década do século XXI (vide GRÁFICO 2). Este fato, ao invés de ser tomado como uma discrepância, confirma o crescimento da área nas últimas décadas, uma vez que, dos respondentes, apenas três (0,43%) concluíram o curso antes de 1970, setenta (10,03%) formaram entre 1971 e 1980, 110 (15,76%) integralizaram entre 1981 e 1990 e 182 (26,07%) concluíram entre 1991 e 2000. Isto nos mostra que não só o mercado de trabalho se expandiu neste período, houve também uma crescente busca pelo curso e, conseqüentemente maior oferta de vagas e até mesmo abertura de novos cursos de biblioteconomia, como mostra o INEP, onde dos 39 cursos levantados no site do Instituto, 10 iniciaram as atividades na presente década. Se dilatarmos este período de tempo para os últimos dez anos, a partir de 1997, serão então 13 novos cursos. Isto em decorrência do que os próprios respondentes explicitaram: “... todos os setores da economia atualmente precisam de profissionais que saibam lidar e organizar todos os tipos de informação...” ou que o “mercado necessita de profissionais aptos a organizar a informação e documentação”.

Dos 698 respondentes 28 afirmam não estarem empregados, o que significa aproximadamente quatro por cento do total. Destes, um presta serviços voluntários em biblioteca. Dos 670 que atualmente encontram-se inseridos no mercado de trabalho, 597 atuam na área, o que representa 85,53% do total de respondentes. Dos 53 que dizem

atuar relativamente na área, 36 têm função ligada à área, seja ela de bibliotecário, arquivista ou professor. No entanto, não se julgam atuando diretamente na área por motivos diversos tais como “sou escalada para desempenhar outras atividades, sendo que, algumas vezes estas exigem muito mais tempo do que eu disponibilizo para a biblioteconomia” ou “porque trabalho com aquisição de materiais para bibliotecas em serviço público e tem coisas que faço que não são ensinadas no curso de biblioteconomia (ex. processos de pagamentos, licitação, cotação do dólar, etc.)” ou ainda por não considerarem os arquivos como um local de atuação do profissional – “trabalho mais voltado para a área de arquivo”.

Os 17 restantes exercem outras atividades mas vêem nelas alguma ligação com a área, como um assistente de gestão de pessoas que cuida “...do arquivo dos colaboradores e supervisiono as estagiárias de Biblioteconomia da empresa”, ou o consultor que exerce atividades “...para área financeira, contudo está voltado para análise de informações”, ou ainda assessor de diretoria de negócios que usa a “... Biblioteconomia para pesquisar sobre temas que desconheço e, às vezes, preciso escrever sobre o assunto”. Como podemos observar existem pessoas atuando diretamente na área, mas não consideram desta forma por exercerem atividades que não são tecnicamente de natureza bibliotecária. Isto contribui para a desvalorização da área, o que pode ser endossado pelas palavras de um profissional que ocupa o cargo de bibliotecário em um escritório: “é um campo para o profissional bibliotecário, mas as funções propriamente ditas poderiam ser realizadas por profissionais com grau de escolaridade menor”. Mas também podemos observar que existem aqueles que em outras áreas conseguem perceber a importância da profissão, como uma coordenadora de negócios: “... lido com informações de todos os tipos relativas ao mercado papelero, como dados estatísticos do setor, informação relativa a câmbios (vários países), informações sobre importação e exportação, informações de negócios (compra, venda e conversão), informação sobre crédito, informações financeiras, etc.”. Finalmente, 20 responderam não atuar na área, e o mais surpreendente é que dentre eles três dizem ocupar cargos de bibliotecário, um de assistente de biblioteca e um de chefe de divisão de gestão documental. Uma bibliotecária justifica esta posição dizendo: “Tenho especialização em novas tecnologias da informação, atuo com biblioteconomia somente em serviços particulares, em geral gratuitamente ou como trabalho voluntário”. Então, se somarmos os 597 que afirmam

atuar na área, aos 36 que dizem atuar relativamente, mas possuem cargos de ocupação do profissional bibliotecário, bem como os cinco que dizem não atuar, mas também ocupam colocação típica de um bibliotecário, somamos 638 profissionais atuando na área. Isto representa 91,40% dos respondentes, ou ainda 95,22% dos egressos empregados, o que representa uma significativa taxa de empregabilidade da profissão. Outro fator que demonstra a demanda pelo profissional pode ser depreendido das respostas dadas quanto ao período de início da atuação profissional na área. 498 (71,35%) dos participantes começaram a atuar antes de concluir o curso, 181 (25,93%) depois da conclusão e, apenas 19 (2,72%) nunca atuaram na área. Portanto, 97,28% dos egressos já atuaram em algum tempo na área, e 91,40% deles continuam a realizar atividades biblioteconômicas.

A proporção de 91,40% de profissionais bibliotecários que atuam na área não reflete o grande número de expectativas pessimistas quanto à possibilidade de conseguir uma colocação na área, uma vez que 47,85% (334) deles consideram difícil e 52,15% (364) consideram fácil ingressar na carreira. Dentre os que afirmam ser difícil conquistar uma vaga, para 103 (25,50%) deles o motivo é a desvalorização/falta reconhecimento da profissão, como podemos constatar quando dizem que “a profissão é desconhecida. Não há procura” ou “infelizmente, o bibliotecário ainda é um profissional pouco conhecido e quando o é, suas atividades não são consideradas essenciais dentro de uma instituição”, ou ainda “existe muito pré-conceito com relação às atividades e conhecimentos de um profissional Bibliotecário” e mesmo “a profissão não é muito valorizada, pois as pessoas não sabem para que serve um bibliotecário, não têm a mínima noção do que seja nosso trabalho, quando explicamos, ficam escandalizadas com tantas normas e regras que não sabiam existir”. Outros 79 (19,06%) alegam que há poucas vagas “porque as empresas não abrem postos de trabalho, muitas vezes por desconhecer a profissão e as possibilidades de atuação do profissional”. 47 (11,39%) justificam alegando ser grande a concorrência: “temos muita concorrência, estagiários, assistentes de bibliotecas, curiosos, arquivistas, etc.”; mas é importante lembrar que “o mercado de trabalho está muito concorrido em todas as áreas”. 66 (8,66%) reclamam das baixas remunerações, afirmando que “paga-se muito pouco e a maioria dos empregadores não tem consciência sobre o papel fundamental do bibliotecário”. 16 (3,96%) apontam a falta de concursos e a necessidade de indicações, justificando que “o mercado

profissional é muito limitado às indicações, principalmente de professores” ou que é “difícil porque observa-se que a maioria das pessoas consegue colocação por indicação de outras e não pelo envio de currículo”. O curioso é que entre os que informam a dificuldade de conseguir uma colocação, sete ressaltam o “aumento/existência de mercado de trabalho”, descrevendo que o “(...) mercado está em expansão, mas mesmo assim há dificuldades sim em se colocar no mercado” ou que “o mercado de trabalho atualmente está em plena ascensão, porém o número de vagas por concurso é em número muito limitado...”. Um afirma que existe carência do profissional no mercado, e outro que o problema é pouca fiscalização pelos órgãos classistas; oito indicam como impeditivo a necessidade de qualificação/atualização do profissional: “o mercado de trabalho exige cada vez mais um profissional especializado” ou “vários fatores: área que requer conhecimentos diversos, preparação, por vezes inadequada para certas situações e/ou acervos, diversidade de conhecimentos que a profissão exige”. Três alegam que os cursos são defasados e um que o egresso não tem preparo para enfrentar o mercado de trabalho; um se apóia na “crise atual do mundo”.

Dentre os que consideram fácil conseguir uma colocação 124 (27,68%) indicam como fator o aumento/existência de mercado de trabalho; 94 (20,98%) afirmam haver vagas; 41 (9,15%) se apóiam na própria experiência, afirmando que “nunca tive dificuldades” ou que “no meu caso nunca foi difícil”; 39 (8,71%) referenciam-se à qualificação/atualização, ao afirmar que “desde que o profissional esteja atualizado ele encontra trabalho”; 29 (6,47%) indicam a existência de concursos; 22 (4,91%) apontam a carência de profissional. Um deles coloca:

“Porque o mercado da área de biblioteconomia tem um potencial muito grande, acredito que haja carência de profissionais em relação ao contexto nacional. Se as políticas educacionais e culturais fossem mais incisivas, faltaria bibliotecários no mercado de trabalho, pois há muito o que mudar em relação ao mapa da leitura neste país e o bibliotecário é um dos grandes agentes na promoção da leitura, da pesquisa e da informação. Deve atuar no sentido de ser um transformador no contexto nacional.”

Dezessete destacam a disponibilidade de deslocamento: “comparando com outras áreas, penso que os bibliotecários ainda conseguem emprego mais facilmente, devido à procura que se tem, principalmente quando se sai das grandes metrópoles. No interior ainda há muitas vagas”. Mesmo dentre estes, 31 (6,92%) indicaram a baixa

remuneração como um ponto fraco da área: “apenas acho que o maior problema seja a remuneração, nem sempre ganhamos o que merecemos” Cinco apontam a necessidade de indicação afirmando que “... a área trabalha basicamente com indicações...”. Para três deles há o problema de desvalorização/falta de reconhecimento da profissão, alegando que “talvez porque o mercado ainda não enxergue o bibliotecário como competente para ser um gestor de informação, e outros profissionais acabam por atuar nestas áreas”. Curiosamente três indicam que há poucas vagas (“creio que as ofertas estão menores”) e um ressalta a necessidade de experiência profissional (“tem que ter experiência mesmo que seja através de estágio não obrigatório”).

Em ambos os casos a situação dos colegas é levada em consideração. 11 (2,72%) dos respondentes que afirmam ser difícil se colocar no mercado dizem ter “observado a dificuldade de colegas que não estão empregados para se recolocarem no mercado”. Por outro lado 10 (2,23%) dos respondentes dizem não haver este problema porque “a maioria das pessoas que conheço já estão trabalhando na área”. É importante ressaltar que estas respostas foram de livre indicação, onde o respondente pôde transmitir mais de uma informação.

A TABELA 1 apresenta as justificativas mais relevantes dadas pelos respondentes com relação ao motivo pelo qual consideravam atuar na área.

TABELA 1 – Porque se consideram atuando na área

Apresenta as justificativas mais relevantes dadas pelos respondentes que responderam atuar plena ou relativamente em sua área de formação (Biblioteconomia). As demais não alcançaram ao menos 1% de representatividade.

Atuação analisado	Relativamente	Sim	Total	Porcentagem
Exerce atividades da área	006	225	231	35,00%
Não informado	004	190	194	29,39%
Atua em um centro de documentação	006	082	088	13,33%
Lida com informação	004	026	030	4,55%
Atua na área de formação	000	028	028	4,24%
Gosta/tem prazer com a profissão	000	018	018	2,73%
Desempenha atividades que não são da área	012	000	012	1,82%
Trabalha com os ensinamentos da academia	000	012	012	1,82%
Leciona disciplinas do curso	000	011	011	1,67%

Como se pode observar, 35,00% dos respondentes justifica a sua atuação apenas por exercerem atividades da área. Já 13,33% justificam a pertinência pelo fato de atuarem em um centro de documentação. Desta forma, 48,33%, ou seja, aproximadamente

metade dos respondentes, justifica a sua atuação como profissional bibliotecário muito vagamente, uma vez que, considerando estas respostas, podemos afirmar que qualquer pessoa que atua em uma biblioteca ou arquivo, executando a limpeza, por exemplo, poderia ser considerado um bibliotecário, ou ainda uma pessoa que exerça atividades relativas à organização da informação, independente de sua formação, também o faz. Este tipo de definição ajuda a descaracterizar a função e a importância do profissional bibliotecário frente à sociedade, haja vista que o próprio não consegue apresentar uma justificativa plausível para a sua atuação.

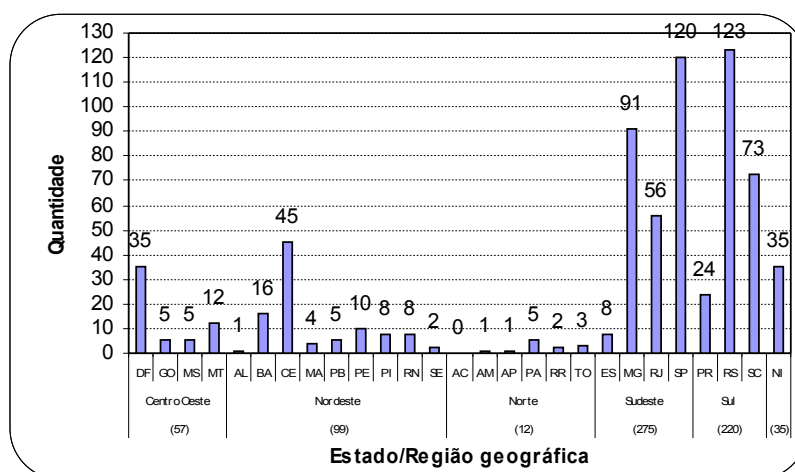


GRÁFICO 3 – Distribuição geográfica dos profissionais.

No que diz respeito à região do mercado de trabalho dos egressos observamos não existirem alterações consideráveis na distribuição em relação ao local de conclusão do curso. Como podemos observar no GRÁFICO 3 a região que mais absorveu estes egressos foi a Sudeste (275), seguida da região Sul (220), Nordeste (99), Centro Oeste (57) e Norte (12). Assim como nas regiões não houve alteração na ordem das unidades federativas, sendo o estado do Rio Grande do Sul (123) o maior empregador seguido por São Paulo (120) e Minas Gerais (91). Considerando que 35 respondentes não informaram a região onde atuam podemos considerar que o mercado local absorve o egresso, sendo pequena a flutuação entre a região de formação acadêmica e a de atuação profissional. É importante frisar que destas 35 respostas, em 28 o respondente não estava empregado, sendo portanto sete apenas os que não informaram de fato a região de atuação.

Na TABELA 2 podemos acompanhar a distribuição dos 650 profissionais, que atuam direta ou relativamente como bibliotecários, quanto ao setor econômico em que atuam (agricultura, indústria ou serviços) e ao tipo de empresa (privada, pública, terceiro setor) ou autônomo. Como o respondente podia marcar mais de uma opção, haja vista que o mesmo pode atuar em mais de uma empresa, e estas podem estar em setores diferentes, o número total destas respostas é maior que a quantidade de respondentes. O setor econômico que mais emprega é o Terceiro setor (serviços) com 600 (92,31%) empregos, seguido pelo Segundo setor (indústria) com 44 (6,77%) empregos. Finalmente temos o Primeiro setor (agricultura), empregando 17 (2,62%) profissionais. Já o tipo de empresa que mais emprega é a privada - 324 (49,85%) sendo seguidas pelas públicas - 291 (44,77%). Os profissionais autônomos ainda representam pequena parcela da área – 25 (3,85%) e as empresas que menos empregam o profissional são as ONGs – 21 (3,23%). Provavelmente isto ocorre devido ao pequeno orçamento que a maioria destas empresas possui, o que faz com que determinem prioridade de investimentos de forma que o profissional bibliotecário não é visto como essencial para a organização. Este erro estratégico talvez apareça de forma indireta, uma vez que os profissionais das demais áreas não terão o suporte informacional de um profissional qualificado, além de não possuírem profissionais qualificados para organizar e tratar os acervos institucionais, sejam estes físicos ou digitais.

TABELA 2 – O profissional no mercado de trabalho
Distribuição dos profissionais que atuam direta ou relativamente como bibliotecários pro setor da economia e tipo de empresa.

Setor econômico	Atua em sua área de formação	Tipo de empresa				Total
		Privada	Pública	ONG	Autônomo	
Primeiro setor (Agricultura)	Relativamente	000	002	000	000	002
	Sim	005	010	000	000	015
	Total	005	012	000	000	017
Segundo setor (Indústria)	Relativamente	003	001	001	000	005
	Sim	026	008	001	004	039
	Total	029	009	002	004	044
Terceiro setor (Serviços)	Relativamente	021	023	004	001	049
	Sim	269	247	015	020	551
	Total	290	270	019	021	600
Total	Total geral	324	291	021	025	661

Como podemos observar, a maioria destes profissionais que atuam em ONG's estão no setor de serviços, sendo que apenas dois atuam em outro setor, o de indústria. Este fato

também ocorre entre os autônomos, ou seja, 21 deles estão no setor de serviços e apenas 4 na indústria. O setor agrário além de atrair poucos profissionais, o faz por meio das empresas públicas (12 deles) e privadas (5), não havendo nenhum autônomo atuando neste mercado. O setor industrial, como já vimos, também não abre tantas oportunidades, sendo que, além dos autônomos e do terceiro setor, as empresas públicas empregam 9 profissionais, enquanto que as privadas empregam 29. Já o setor de serviços emprega 290 profissionais em empresas privadas e 270 nas públicas. O único setor que emprega mais profissionais em empresas públicas do que nas privadas é o agrícola, e o que apresenta maior distorção é o industrial, sendo, predominante, a oferta de vagas em empresas privadas, o que é perfeitamente compreensível devido ao enxugamento do Estado e aos movimentos neoliberais que cada vez mais pregam a saída do mesmo do controle das organizações por meio das privatizações.

A literatura da área e a academia muito nos falam das novas tendências do curso e, conseqüentemente dos novos cargos que o profissional pode ocupar, no entanto isto não é o que se vê. São poucos os profissionais que atuam na área ocupando novos espaços. Como pode ser observado, apenas um profissional atua como “arquiteto de informação”, dois como “analistas de informação”, um como “coordenador de projetos” e quatro como “pesquisadores”. Já as ocupações tradicionais são o destino de grande parte dos egressos, sendo que, independente da especialidade, 536 são contratados como “bibliotecários”, e se expandirmos esta situação para os profissionais que atuam voltados para acervos, nos chamados centros de documentação, serão 569 (87,54%) profissionais alocados. Fato inusitado que pode ser observado são os quatro profissionais que ocupam cargos de funções adversas à Biblioteconomia mais afirmam atuar na área. O “analista de suporte” afirma precisar “... dos conhecimentos biblioteconômicos para aliar com a informática”; o “diretor técnico de serviços” desenvolve “... atividades que mantêm relação com a Biblioteca e o cliente/usuário interno e externo”. Já o “gestor de tecnologia” realiza “... funções essenciais de minha profissão”; e o “auxiliar de escritório” coordena “indexação, pesquisa e digitalização de imagens e textos”. Estes são profissionais que valorizam a profissão, uma vez que mesmo em outros cargos, vislumbram possibilidades de aplicar seus conhecimentos adquiridos na academia e ocupar seu espaço no mercado.

Ao analisarmos o rendimento percebido pelos profissionais podemos observar que a faixa salarial mais representativa é a que compreende rendimentos entre R\$ 1.000,01 e R\$ 1.500,00, com 137 (21,08%) profissionais – mais de um quinto. Logo em seguida vem a faixa salarial entre R\$ 1.500,01 e R\$ 2.000,00, com 118 (18,15%) profissionais. Aqui, a surpresa fica por conta da existência de seis profissionais que recebem menos de R\$ 500,00 mensais. Estes atuam em Belo Horizonte/MG, Florianópolis/SC, Fortaleza/CE, Londrina/PR, Recife/PE e no Maranhão. Com a possível exceção do profissional do Maranhão, do qual não foi identificada a cidade, os demais se encontram em grandes centros. Não cabe, pois, a justificativa de que o salário percebido condiz com o local onde atuam. Somando-se estes três teremos cerca de 40% dos profissionais percebendo rendimentos de até R\$ 2.000,00 ao mês. A média salarial dos bibliotecários encontra-se na faixa salarial de R\$ 2.000,01 à 2.500,00. De acordo com o CFB, a recomendação salarial preconizada pelo Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo, estado que oferece as melhores condições salariais para o profissional é a seguinte:

Piso salarial atual - R\$ 1237,02 (hum mil duzentos e trinta e sete reais e dois centavos) mensais, com validade para o período de 01/09/2004 a 31/08/2005, conforme homologado pelo TRT - Tribunal Regional do Trabalho. O Piso salarial é indicado para bibliotecários recém-formados ou com menos de dois anos de experiência. Outras faixas salariais:

Bibliotecários com experiência de 2 anos, conhecimentos de informática e noções de um idioma, tem faixa salarial variando entre R\$ 1.700,00 (hum mil e setecentos reais) a R\$ 4.000,00 (quatro mil reais).

Bibliotecários com experiência comprovada, conhecimentos de informática e de mais de um idioma, que direta ou indiretamente exercem cargos de chefia, tem faixa salarial variando de R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) a R\$ 7.000,00 (sete mil reais).

No caso de Auxiliar de biblioteca, embora o SinBiesp seja restrito a bibliotecários formados, mas por força da existência imprescindível da função, temos constatado que a faixa salarial varia de R\$ 550,00 (quinhentos e cinquenta reais) a R\$ 700,00 (setecentos reais) mensais.

Como vemos, a média salarial encontra-se pouco acima do inicial recomendado pelo profissional com “experiência de 2 anos, conhecimentos de informática e noções de um idioma”.

TABELA 3 – Rendimentos/Estados
Apresenta a relação dos três Estados que mais possuem profissionais recebendo vencimentos na referida faixa salarial.

Faixa salarial	Estado - quantidade		
	1°	2°	3°
Menos de R\$ 500,00	CE, MA, MG, PE, PR, SC – 01	-	-
De R\$ 500,01 à R\$ 1.000,00	MG – 19	SC – 14	RS – 12
De R\$ 1.000,01 à 1.500,00	RS – 30	MG – 24	SP – 14
De R\$ 1.500,01 à 2.000,00	MG – 26	RS – 23	SP – 21
De R\$ 2.000,01 à 2.500,00	SP – 22	RS – 20	DF – 9
De R\$ 2.500,01 à 3.000,00	SP – 18	RS – 14	SC – 12
De R\$ 3.000,01 à 3.500,00	SP – 10	RS – 8	SC – 6
De R\$ 3.500,01 à 4.000,00	SP – 8	SC – 4	RS, MS, DF e CE – 2
Acima de R\$ 4.000,01	SP – 19	RS – 12	CE – 7
Não informado	RS – 2	RJ – 1	-

A TABELA 3 permite comparar as faixas salariais por unidade federativa. Como podemos perceber, o Estado de São Paulo é que oferece melhores condições, uma vez que a partir de R\$ 1.000,00 ele figura em todas as faixas salariais, sendo, inclusive, o Estado que melhor remunera o profissional a partir dos R\$ 2.000,00. O Estado do Rio Grande do Sul é o segundo em melhores rendimentos e está presentes em quase todas as faixas.

Os conteúdos acadêmicos que mais ajudaram no momento de conseguir uma colocação no mercado de trabalho e para desenvolver bem as atividades foram: Processamento/tratamento técnico - 68,77%, controle e disseminação da informação – 60,89%, administração de unidades de informação – 59,89%, automação e bibliotecas digitais – 39,54%, cultura e informação – 38,68%, biblioteca escolar e leitura – 15,04% e preservação de acervos – 13,75%. Os respondentes puderam optar por mais de um conteúdo.

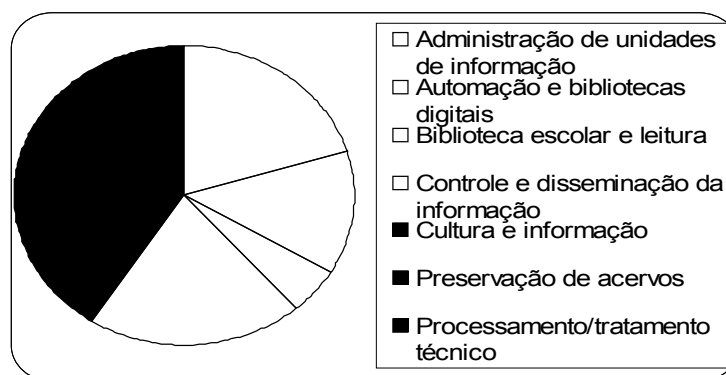


GRÁFICO 4 – Conteúdos mais relevantes para a empregabilidade.

TABELA 4 – O que falta no curso

12 conteúdos mais relacionados como defasados ou inexistentes.

Automação	145	20,77%
Não faltaram conteúdos	083	11,89%
Administração de unidades de informação	070	10,03%
Bibliotecas digitais/virtuais	069	9,89%
Processamento técnico (tratamento técnico)	053	7,59%
Tecnologia da informação	047	6,73%
Informática	042	6,02%
Língua estrangeira	042	6,02%
Não informado	041	5,87%
Administração	038	5,44%
Recursos humanos	037	5,30%
Prática	029	4,15%

A TABELA 4 apresenta os doze conteúdos que se mostraram mais defasados ou inexistentes nos cursos de graduação. Como se pode observar, 43,41% dos conteúdos listados são relacionados à prática contemporânea da profissão, como automação, bibliotecas digitais/virtuais, tecnologia da informação e informática; 34,38% destes conteúdos são relativos à aprimoramentos das atividades já corriqueiras dentre suas atribuições, como administração de unidades de informação, processamento técnico (tratamento técnico), língua estrangeira, recursos humanos e administração (geral). A necessidade de prática como agente facilitador de inserção no mercado de trabalho foi citado por 4,15% dos respondentes. 11,89% consideram que não faltaram conteúdos, ou seja, tudo o que podia ter sido foi aprendido na academia, enquanto 5,87% não informaram quaisquer tipo de conteúdos como faltantes ou inadequados, e nem

indicaram terem-nos recebido com completeza. Os demais conteúdos citados não atingiram 3%.

8 CONCLUSÃO

Enfim, a pesquisa permitiu identificar que, apesar de não haver consenso entre os profissionais quanto à dificuldade de inserção no mercado por parte do egresso, a taxa de empregabilidade da profissão é superior a 90%, tendo como principal setor econômico de atuação o terciário (serviços), sendo as empresas privadas e públicas as principais empregadoras. As organizações do terceiro setor aparentam ser um mercado a ser explorado, bem como a atuação como autônomo. As regiões que mais absorveram os profissionais foram a sudeste e sul, enquanto os Estados mais representativos neste quesito são Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais.

Apesar de a literatura da área e a academia apresentarem novas vertentes e possibilidades de atuação para o profissional bibliotecário, 87,54% deles continuam a atuar em funções tradicionais, dentro de centros de documentação. Isto não é ruim para a imagem do profissional e nem o desqualifica, pois é mercado crescente e deve ser preenchido. O problema se afigura quando o bibliotecário não ocupa os novos espaços outros profissionais o fazem. É importante salientar que não só surgiram novas oportunidades de atuação quanto o perfil de profissional exigido pelo mercado também mudou, requerendo dele não só conhecimentos técnicos da profissão, mas também conhecimentos e práticas gerenciais e administrativas mais aprofundadas; domínio das novas tecnologias e fluência em pelo menos mais um idioma além do pátrio. Esta evolução do perfil do profissional vem sendo acompanhada por ele, uma vez que dos doze conteúdos apontados, mais freqüentemente, como defasados ou inexistentes, nove se referiam à este novo perfil do profissional. Mas é importante não se limitar à academia e buscar esta complementação com cursos, palestras e participação em eventos.

Já a média salarial gira em torno da faixa entre R\$ 2.000,00 e R\$ 2.500,00, um valor que dá margem a tantos inconformismos com a política salarial adotada para a área. Mas para que haja uma mudança neste ponto, é necessário que o profissional se faça visto e necessário, o que não acontece nem dentro do próprio meio. A afirmativa: “é um

campo para o profissional bibliotecário, mas as funções, propriamente ditas, poderiam ser realizadas por profissionais com grau de escolaridade menor” vindas de um bibliotecário só ajudam a dar descrédito ao profissional. Se ele não se considera útil, não há porque a sociedade considerá-lo.

Como vimos, a área é promissora e tem grande capacidade de absorção do profissional “porque todos os setores da economia atualmente precisam de profissionais que saibam lidar e organizar todos os tipos de informação”, além de existirem “muitas outras atividades que podem ser desempenhadas por bibliotecários. Até indústrias farmacêutica têm contratado tais profissionais atualmente”. Mas ainda se espera uma atitude mais positiva e proativa dos bibliotecários – os maiores interessados neste crescimento.

REFERÊNCIAS

BENTES PINTO, V. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=79>>. Acesso em 12 set. 2006.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612-05>>. Acesso em: 15 de nov. 2006.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Apresenta informações relevantes da área de Biblioteconomia e para o profissional bibliotecário. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/html/>>. Acesso em 06 ago. 2006.

DIDEROT, D.; D’ALEMBERT, J.R. **L’encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. Paris: Flammarion, 1993, p.212.

FARIA, Sueli; et al. Competências do profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28552.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2006.

FERREIRA, Danielle Thiago. Profissional da informação: perfil de habilidades demandadas pelo mercado de trabalho. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 42-49, jan/abr, 2003. Disponível em: <<http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=158&layout=abstract>>. Acesso em: 12 de nov. 2006.

KREMER, Jannette M. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 3, p. 17-19, 1983. Disponível em : <http://academica.extralibris.info/bibliotecario/a_formacao_de_bibliotecarios_n.html>. Acesso em: 08 out. 2006.

MUELLER, S. P. M. O ensino da biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v.14, n.1, p.3-15, 1985.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A escola de Biblioteconomia e a ancoragem da profissão de bibliotecário. **Informação & Sociedade: estudos**, v. 11, n. 2, 12 p. 2001. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/298/221>>. Acesso em: 3 out. 2006.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. Profissionais da informação. *Insight Informal*, n. 12, ago 1998 apud FARIA, Sueli; et al. Competências do profissional da informação: uma reflexão a partir da Classificação Brasileira de Ocupações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 26-33, maio/ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n2/28552.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2006.

ABSTRACT

This article presents the results of a research that tried to characterize the librarian nowadays, with a double approach – the literature study and a survey. The results shows heterogeneous views of a changing market, and points some of the trends to be dealt by the professionals in the nowadays society.

KEYWORDS: Librarianship. Librarian. Professional workspace.

Originais recebidos em: 29/05/2007

Texto aprovado em: 14/09/2007